

**gardei  
no  
armário**



**samuel gomes**

**guarda  
ei  
no  
armário**

**TRAJETÓRIAS, VIVÊNCIAS E A LUTA  
POR RESPEITO À DIVERSIDADE RACIAL,  
SOCIAL, SEXUAL E DE GÊNERO**

**pa  
ra  
le  
la**

Copyright © 2020 by Samuel Gomes

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Ale Kalko

FOTOS DE QUARTA CAPA Ignacio Aronovich/ Lost Art

PREPARAÇÃO Diogo Henriques e Érika Vieira Nogueira

REVISÃO Valquíria Della Pozza e Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gomes, Samuel

Guardei no armário : trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero / Samuel Gomes. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2020.

ISBN 978-85-8439-177-6

1. Gomes, Samuel 2. Histórias de vida 3. Homossexuais – Autobiografia 4. Homossexualidade – Aspectos sociais 5. Negros – Brasil 6. Preconceito 7. Racismo I. Título.

20-39560

CDD-920.9306766

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Homossexuais : Autobiografia 920.9306766

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br)

[facebook.com/editoraparalela](https://facebook.com/editoraparalela)

[instagram.com/editoraparalela](https://instagram.com/editoraparalela)

[twitter.com/editoraparalela](https://twitter.com/editoraparalela)

# Sumário

*Dedicatória* 7

*Como cheguei até aqui* 9

Um passado ainda presente 11

Crescer em um ambiente homofóbico 16

Primeiro amor 24

Igreja 28

Reencontro 35

Amizades virtuais 41

Identidade 43

Descobertas 49

Revelações 51

O que a Igreja diz 56

Primeiras experiências 59

Então eu gosto de meninos 66

Saúde no corpo e na mente 69

Double Life e Purpurina 72

Um novo começo	75
Primeira vez	81
Não gosto de meninas	87
Um futuro não planejado	98
Amor negro	100
Pai, estou namorando	103
De volta ao jogo	107
Dali para a frente, tudo mudou	110
Do meu lugar	114
O impostor	118
Mais que uma carteirinha	122
Medo político	125
A cor da minha família	130
UM FILHO GAY, RELATO DE UM PAI	134
<i>Pertencendo</i>	139

## ENTREVISTAS

Ana Claudino	145
Murilo Araújo	160
Silvetty Montilla	166
Spartakus Santiago	179
Jonas Maria	187
Nátaly Neri	207
Jup do Bairro	235
Rodrigo França	250
Cristina Naumovs	269
<i>Agradecimento</i>	299

# Dedicatória

Dedico este livro à minha ancestral mais próxima de quem tive o privilégio de ser neto, minha avó Bárbara de Paula. A ela eu dedico estas primeiras linhas e todas as conquistas que tenho e terei, pois, se não fosse por ela, pelo amor que ela dedicou não apenas a mim, mas a todos os bisnetos, netos, filhos e a todos que ela conhecia e fizeram parte desta minha história, eu não estaria aqui.

Dedico este livro a todos os Samucas que ainda existem no Brasil. Você, que se sente culpado por ser quem é. Você, que está lendo este livro escondido. Este livro é para todas as pessoas que acreditam que seu futuro é de sofrimento eterno por ser LGBTQIA+. Eu passei por isso e, quando pensei que já tinha me livrado de todas as amarras e pesos, descobri um fundo falso no meu armário. É ele que dividirei aqui com vocês.

Dedico este livro a todos os escritores negros. A todos os escritores independentes. A todos os escritores periféricos. A todos os escritores que nem sequer um dia iremos conhecer pela falta de oportunidade e espaço que lhes são tirados.

Dedico este livro às pessoas que graças às políticas públicas de inclusão entraram na faculdade, se formaram e, mesmo com muita dificuldade, conseguiram trabalhar na área em que acreditam e amam.

Dedico este livro aos meus amigos do colégio Martins Penna, aos amigos da Uniban, aos amigos que fiz no mercado publicitário, aos amigos que fiz no Projeto Purpurina, aos que fiz durante minha caminhada até agora.

Dedico este livro a alguns profissionais de saúde: a psicóloga dra. Ana Maria Ferreira, o psiquiatra dr. Edir Corrêa de Araújo e a coloproctologista dra. Fabiana Orozco.

Dedico este livro aos meus pais e à minha irmã, que passaram por tudo isso comigo, que sofreram e evoluíram na medida deles dentro desse processo todo. Que tem suas próprias lembranças de vários momentos que citei. Agradeço a eles por ter o privilégio de poder passar pelo processo de aceitação em conjunto. Sei que nesse processo houve vários conflitos e haverá outros por diversos motivos, mas sei o quanto amam tudo o que vivemos. Somos uma família.

Dedico este livro ao Luiz e à Vita, que são os seres que mais me conhecem hoje em dia. A quem dedico a minha atenção e amor. É por eles que luto para que possamos naturalizar nossa existência enquanto família.

Por fim, dedico esta obra a todas as pessoas que de forma positiva ou negativa me fizeram ser quem sou hoje. Transformei nossa caminhada em arte, em literatura, em história e dividirei com muitas pessoas. Que mais livros com protagonistas negros, com suas particularidades e profundidades, existam. Que mais autores negros tenham mais espaços que eu. Dedico este livro ao movimento negro, ao movimento LGBTQIA+, aos movimentos sociais, a todas as minorias que sonham com uma nova sociedade.



## Como cheguei até aqui

Começo a escrever este texto na tarde de um dia frio, na casa onde moro com o Luiz, hoje meu marido. Temos uma cachorra vira-lata adotada. Nós nos mudamos há pouco tempo e tudo ainda está meio bagunçado. Mas temos móveis recém-comprados graças a alguns trabalhos que tenho feito como publicitário, influenciador, criador de conteúdo e palestrante. Olho ao meu redor e só consigo sentir amor.

Se ao escrever a primeira edição deste livro o meu objetivo era mostrar o quanto ser gay, negro, ex-evangélico e periférico tinha me colocado em situações ruins, agora eu conto para vocês como essas características mudaram a forma como lido com o mundo ao meu redor. Na minha inocência, acreditei que, ao lançar este livro, estaria finalizando um processo, enterrando meus demônios e construindo um novo futuro. Minha sexualidade estava exposta para quem quisesse conhecer, eu tinha encontrado na literatura uma arma poderosa para dividir minhas angústias com outras pessoas e descoberto junto com elas que não estava sozinho. Conte a minha história para que ninguém passasse pelo que eu passei, para que as pessoas se aceitassem como

são, bem como suas famílias e a Igreja. O canal no YouTube veio com o mesmo objetivo, e ainda mais democrático: a ideia era trazer outras vozes para falarem de si, da realidade das pessoas LGBTQIA+ no país que mais mata essa população no mundo.

Entendi com o tempo que este não era um livro, era o meu manifesto por um maior reconhecimento e visibilidade para pessoas iguais a mim, pretos, periféricos, gays afeminados, com a fé no homem ou em Deus abalada. Sinto até hoje uma força gigante para manter esse projeto de pé e não faço ideia de onde ela vem. Talvez da vontade de que ninguém mais precise sofrer para ser quem é. Espero que a leitura deste livro e da minha história desperte o melhor em você também.

# Um passado ainda presente

EU SEI QUE SOU GAY DESDE BEM CEDO, SÓ QUE A MINHA consciência do que isso significava veio depois de muitos anos, junto com todos os medos e incertezas que acompanham essa realidade. Assim como uma pessoa heterossexual não se pergunta quando decidiu a própria sexualidade, eu não escolhi ter desejos, afeição e sentimentos por homens.

Nasci em 1987, na periferia da Zona Sul de São Paulo, em uma família de pais negros e uma irmã um ano mais velha. Minha mãe teve dificuldades no meu parto, que aconteceu depois do tempo previsto, e nasci com algumas complicações. Minha mãe também sofreu; sua pressão subiu e nós dois acabamos na UTI. Eu saí antes dela, que ficou no hospital com risco de morte. Tive várias mães de leite no bairro onde morava, já que minha mãe, depois que voltou do hospital, estava tomando muitos remédios e não podia me amamentar.

A religiosidade sempre foi o fio condutor da vida da minha família. Meu nome vem de uma promessa que meus pais fizeram antes de eu nascer, durante um culto. Como a gestação e o nascimento da

minha irmã também foram complicados, eles prometeram a Deus que, se tivessem um filho homem, ele se chamaria Samuel, “aquele a quem Deus ouviu”. Apesar de todas as dificuldades, meus pais acreditavam que eu era um filho prometido.

Meu pai, Benedito, nasceu em Mato Grosso do Sul, veio para São Paulo aos dezoito anos com um dos seus irmãos, e aqui se converteu à Congregação Cristã no Brasil, uma Igreja evangélica. Ele é o exemplo do homem dedicado à família e ao trabalho, e uma grande referência para mim.

Meu pai foi o primeiro evangélico da família dele, os Gomes, que na época eram uma mistura de católicos e umbandistas, e durante muito tempo viveu sendo o exemplo de crente para os demais irmãos. Para ele, ser crente era obedecer, sem questionar, a tudo o que era pregado. Ele aprendeu a ir à igreja diariamente, orava muito e se santificava. Batizou-se, fez muitos amigos, e com eles pregava quando visitava familiares. Anos mais tarde, dentro da igreja, conheceu a mulher com quem se casaria em poucos meses, Maria Ligia. Depois de um ano e meio nasceu minha irmã, Miriã.

Éramos muito pobres e, quando eu nasci, morávamos em uma casinha de madeira. Meu pai sempre trabalhou fora, e minha mãe dividia seu tempo entre cuidar dos filhos, de casa e da casa da patroa — na época, ela trabalhava como empregada doméstica. Logo nos meus primeiros anos de vida, fomos viver de favor no quintal da minha avó por parte de mãe, onde passei quase toda a minha infância e adolescência.

Quando completei quatro anos, já morando na casa de apenas dois cômodos que meu pai construiu com a ajuda dos meus tios no quintal, tive minha primeira festa de aniversário, uma de minhas memórias mais antigas. Moravam ali também, em outras quatro casas, muitos tios e primos meus.

Tive alguns amigos na pré-escola — com muito esforço, meus pais conseguiram vaga em uma escolinha particular católica perto de casa para mim e a minha irmã. Como era a escola do bairro, muitos eram praticamente meus vizinhos, e íamos nas casas uns dos outros para brincar. Foi com esses vizinhos que comecei a ter consciência dos meus desejos.

Quando os parentes me perguntavam se eu tinha namorada, eu respondia que sim, mas me pegava pensando nos meus amigos mais próximos. Essas lembranças me causavam um sentimento muito bom e puro, mas eu não tinha coragem de expressá-lo — mesmo sem saber exatamente o que era aquilo, eu não arriscava falar algo que pudesse magoar ou chocar os adultos.

Certa vez, na casa de um desses amigos, resolvemos brincar de casinha, e, como acontece com todo casal, um chegava do serviço e cumprimentava o outro com um beijo. Nesse momento dei um selinho no meu amigo, e os outros dois que viram a cena fizeram o mesmo. Não sabíamos o que isso significava, nem sabíamos o que era “beijo gay”; só repetimos o que os adultos faziam.

Eu e meus amigos nunca comentamos a respeito, mas passei dias pensando no que tinha acontecido e, na verdade, guardei essa cena por vários anos. Eu tinha muitas perguntas e medos, porém não tinha com quem falar — minha família sempre foi muito reservada e meus amigos eram praticamente todos da igreja —, e me sentia angustiado e sozinho.

Com seis anos comecei a estudar violino, querendo seguir os passos do meu pai, que tocava na igreja com a minha mãe. Ela tocava órgão — o único instrumento permitido às mulheres na igreja —, e juntos eles faziam parte da orquestra, um grupo de pessoas que, com seus diversos instrumentos, harmonizava os louvores cantados pelos outros fiéis. Eu assistia a tudo aquilo e achava lindo ver meu pai tocando. Essa admiração despertou em mim o desejo pela música, e comecei meus estudos.

Nessa época eu já havia entrado no primário. Da primeira à terceira série eu e minha irmã ainda estudávamos em uma escola católica particular, o Colégio São Francisco de Assis, e éramos das poucas crianças negras por lá. Eles nos faziam rezar o pai-nosso e a ave-maria todas as sextas. O diretor era padre, e havia regras disciplinares bem rígidas. Lembro-me do conflito que eu sentia, porque o que ouvia na Igreja evangélica era muito diferente do que os padres falavam na escola. As rezas, os rituais católicos e os santos não faziam sentido para mim. Fui ensinado que somente os fiéis da Congregação

Cristã no Brasil entrariam no céu, que todos os outros passariam por um julgamento e que era pecado adorar imagens.

A quantas festas deixei de ir por medo de errar! Éramos aconselhados a não participar de festas que a escola promovia, de festas juninas, de Páscoa, de Natal... Na minha rua, morava uma senhora que era de religião de matriz africana e que sempre distribuía doces no Cosme, mas meus pais nunca deixaram eu pegar um dela, e, se pegasse, tinha muito medo de algum mal acontecer. E, quando de alguma forma não conseguíamos escapar de um evento desse tipo, eu ficava angustiado, com medo de ser julgado e condenado.

A Igreja era muito rígida, e meus pais seguiam todas as doutrinas que os líderes pregavam. A televisão, por exemplo, era vista como uma vilã na vida das pessoas. Só tivemos televisão em casa depois de muita insistência. Antes disso, eu ia até a casa dos meus primos ou da minha avó para poder assistir a algum desenho ou ver novelas.

Apreendi muitas coisas dentro da Igreja, conheci muita gente do bem e fiz muitos amigos. Tive inúmeros exemplos de pessoas que praticavam o amor e cuidavam da alma. A mudança que acompanhei na vida das pessoas que frequentavam a Igreja, pessoas que foram curadas, famílias que foram ajudadas, e a união que era sempre pregada na comunidade me encantavam. E a certeza de que Deus estava bem perto de mim fazia todos os meus medos e perguntas sem resposta se calarem.

Mas algo começou a não fazer sentido. Fiz muitos amigos queridos, com famílias lindas, que eu não achava justo que fossem para o inferno só porque não eram da mesma Igreja que eu. Essa segregação, que separava os fiéis dos “mundanos” — como chamavam as pessoas que não eram da mesma fé e doutrina —, fazia cada vez menos sentido para mim. Na Igreja eu ouvia que o mundo era cruel, perverso, cheio de maldade, pecados e todo tipo de coisa ruim, e que viver uma vida fora de lá me levaria para o inferno. E quem quer viver no inferno? Quem quer sofrer mais ainda depois da morte? Isso era uma tortura, e eu era uma criança cheia de medos. Meu esforço constante desde pequeno era me livrar dessas maldições.

Quando fui para a quarta série, meu pai perdeu o emprego e, com o novo que arranjou, não conseguia mais pagar a escola particular.

Esse foi um momento bastante difícil para mim: a transferência para uma escola municipal. Eu estava acostumado com um ambiente limpo, com as carteiras brancas, todos os materiais escolares, o uniforme e as regras bem rígidas. Na nova escola tudo estava malcuidado e os alunos eram quase todos negros. Apesar de ser negro retinto, no começo não me identifiquei com aquela realidade — assim como nunca me perguntei por que existiam tão poucos negros na outra escola e na igreja.

Hoje eu sei, tenho a triste consciência de que durante muito tempo não me via como negro, não aceitava nem entendia minhas origens e negava conhecer minha cultura.

Eu não me identificava. Meus exemplos eram muito restritos, e os meus costumes foram moldados pela minha família dentro da Igreja. Existe uma anulação muito grande das tradições africanas quando você faz parte de uma Igreja evangélica. O afro e toda a bagagem que isso carrega são tomados de preconceitos. Aos poucos, fui percebendo as consequências que a falta de referências causou em mim.

Além disso, foi nessa escola que comecei a sofrer bullying por causa da minha orientação sexual. Lembro-me bem de um episódio dessa época. Um dia, a pedido da professora, eu me sentei na fileira do fundo, onde ficavam as crianças mais bagunceiras e os meninos que caçoavam de mim. Eu não me sentia à vontade ali, e em certo momento, na ausência da professora, um dos meninos abriu o zíper por baixo da mesa e colocou o pênis para fora. Começou a mexer nele e me chamou para que eu visse. Não tive reação alguma, e logo depois ele o pôs de volta dentro da calça.

Embora nunca tenha tocado no assunto, meu colega continuou a zoar comigo na sala de aula, me chamado de bicha. Eu não entendia por que ele havia feito aquilo, se era algo comum entre os meninos. O que mais me intrigava era o que eu tinha sentido: curiosidade.

# Crescer em um ambiente homofóbico

TOMEI CUIDADO, DURANTE TODA A MINHA INFÂNCIA E adolescência, para garantir que ninguém desconfiasse da minha homossexualidade. Por diversas vezes, passei por situações constrangedoras na escola, na Igreja e no quintal onde morava. Como, por exemplo, quando uma vez reunimos a família para uma festa na minha avó — nunca me esqueço desse dia. Todas as crianças estavam dançando ou brincando de alguma coisa: pipa, videogame, boneca. Eu, que sempre gostei de me expressar através da arte, cantando, dançando, desenhando, interpretando, criando — meus pais sabiam disso, mas nunca me incentivaram, por medo de que eu me afastasse da Igreja —, estava brincando de show com minhas primas no quintal.

Era um domingo, o quintal da minha avó estava cheio de parentes, e de repente três primos começaram a me chamar de Vera Verão, uma personagem travesti do programa *A Praça é Nossa*, dos anos 1990, interpretado por Jorge Lafond, um homossexual negro. Eles queriam me ridicularizar na frente de todos só porque eu não estava empinando pipa ou jogando futebol como os outros meninos, mesmo sabendo